

**DA DITADURA MILITAR À REDEMOCRATIZAÇÃO: CAMINHOS DA TEORIA
HISTÓRICO-CULTURAL NA PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO BRASILEIRAS (ANOS
1970 A 1990)**

**FROM THE MILITARY DICTATORSHIP TO REDEMOCRATIZATION: PATHS
OF HISTORICAL-CULTURAL THEORY IN BRAZILIAN PSYCHOLOGY AND
EDUCATION (1970's TO 1990's)**

Gisele Toassa¹

<https://orcid.org/0000-0003-3166-7935>

Flávia da Silva Ferreira Asbahr²

<https://orcid.org/0000-0002-7338-0003>

Marilene Proença Rebello de Souza³

<https://orcid.org/0000-0002-8297-5674>

Recebido em: 18 nov. 2022.

Aceito em: 16 dez. 2022.

RESUMO

O presente artigo traça uma breve análise histórica do processo inicial de apropriação e difusão da psicologia histórico-cultural no Brasil, com foco no legado de Lev Semionovich Vigotski (1896-1934). O objetivo da pesquisa que lhe deu origem foi identificar especificidades do contexto político brasileiro e seu desdobramento no trabalho dos grupos que impulsionaram esse processo de difusão. Para tanto, trabalhamos com teses, livros, artigos e dossiês que recuperam a história do legado vigotskiano entre os anos 1970 (ainda durante a ditadura civil-militar) e final da década de 1990. Nossa análise mostra o decisivo impacto da redemocratização na busca por referências mais adequadas à realidade brasileira (seja na educação ou na psicologia social), com ênfase no marxismo, assim como o redesenho das políticas educacionais no bojo da redemocratização que atravessou os anos 1980 e 1990 e que acabou promovendo Vigotski à condição de um dos mais populares autores da psicologia no campo educacional em nosso país. Concluimos nosso percurso apontando como essa

¹ Psicóloga. Doutora em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pelo Instituto de Psicologia (IPUSP). Docente do curso de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Faculdade de Educação da UFG. E-mail: gtoassa@yahoo.com.br.

² Psicóloga. Doutora em Psicologia pelo Instituto de Psicologia (IPUSP). Docente do departamento de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem da Faculdade de Educação da Unesp, campus de Bauru. E-mail: flavia.asbahr@unesp.br.

³ Professora titular do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo e coordenadora do Laboratório Interinstitucional de Estudos e Pesquisas em Psicologia Escolar – LIEPPE. E-mail: mprdsouz@usp.br.

popularidade desdobra-se no bojo de divergências sobre a natureza política e epistemológica do seu legado.

Palavras-chave: Vigotski, Lev Semionovich (1896-1934); psicologia educacional; psicologia histórico-cultural; redemocratização; história da psicologia.

ABSTRACT

This article outlines a brief historical analysis of the initial process of appropriation and diffusion of historical-cultural psychology in Brazil, focusing on the legacy of Lev Semionovich Vigotski (1896-1934). The objective of the research that gave rise to it was to identify specificities of the Brazilian political context and its unfolding in the work of the groups that boosted this diffusion process. To do so, we work with theses, books, articles and dossiers that trace the history of the Vygotskian legacy between the 1970s (still during the civil-military dictatorship) and the end of the 1990s. Our analysis highlights how the search for more appropriate references to Brazilian reality (whether in education or in social psychology), with an emphasis on Marxism, played a significant role in such legacy. This process also depended on the reshaping of educational policies in the wake of redemocratization that went through the 1980s and 1990s and ended up promoting Vygotsky to the status of one of the most popular psychology authors in the educational field in our country. We conclude our journey by pointing out how this popularity unfolds in the midst of disagreements about the political and epistemological nature of his legacy.

Keywords: Vygotsky, Lev Semionovich (1896-1934); educational psychology; historical-cultural psychology; redemocratization; history of psychology.

INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta uma breve análise histórica do processo inicial de apropriação e difusão da psicologia histórico-cultural no Brasil, com foco no legado de Lev Semionovich Vigotski (1896-1934). Trata-se de pesquisa bibliográfica sobre as primeiras iniciativas de constituir uma psicologia marxista, assim como do processo de difusão de autores da psicologia soviética (em particular, Vigotski) no campo educacional⁴.

⁴ A versão completa deste texto foi publicada em: TOASSA, G; ASBAHR, F. S. F.; SOUZA, M. P. R. The golden age of soviet psychology in the mirror of contemporary marxist psychology in Brazil. In: YASNITSKY, A. (org.). *A history of marxist psychology*. New York: Routledge, 2020, p. 131-156.

As fontes foram livros, teses, dossiês e outros materiais historiográficos⁵. Tivemos o objetivo de identificar especificidades do contexto político brasileiro e seu desdobramento no trabalho dos grupos que impulsionaram esse processo de difusão. Sustentando, a partir de diversos autores, que tal caminho relaciona-se estreitamente com as determinações impostas pela ditadura civil-militar e o subsequente processo de redemocratização, seguiremos a trajetória do legado de Vigotski e seus colaboradores desde as décadas de 1970/1980 até a de 1990, mencionando os pesquisadores que primeiro abordaram sua psicologia em relação a atuação profissional de professores e psicólogos, bem como os principais temas abordados e instituições nas quais ocorreram os primeiros passos de tal trajetória até sua popularização no território nacional.

PSICOLOGIA SOCIAL BRASILEIRA E MARXISMO: ENCONTROS

Segundo Antunes (1999), a história da psicologia no Brasil pode ser dividida em cinco períodos: 1) Pré-Institucional (Período Colonial); 2) Institucional (século XIX); 3) Autonomização (1890-1930); 4) Consolidação (1930-1962) e 5) Profissionalização (1962 em diante), sendo que a psicologia científica ganhou impulso decisivo desde a terceira fase, com predomínio da influência francesa. A criação dos primeiros laboratórios, por meio de cátedras específicas, se deu a partir de 1906, ocorrendo nas Escolas Normais e Manicômios, mormente nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro, embora houvesse destacadas experiências também em Minas Gerais, Bahia e Pernambuco. O primeiro curso de graduação em Psicologia data de 1953, na PUC-RJ, nove anos antes do reconhecimento da profissão, em 1962 (MOLON, 2001). Não obstante, os cursos continuaram a ser escassos, além de concentrados no Sudeste do país. A primeira profissional em psicologia filiada ao Partido Comunista do Brasil, na década de 1930, foi a psiquiatra junguiana Nise da Silveira (1905-1999).

Após o início da ditadura civil-militar (1964-1985), os estudos de Marx – embora nunca formalmente proibidos – são encarados com forte suspeição. Conforme Carone (2007), o AI-5, de 1968, proibiu atividades e manifestações de natureza política,

⁵ Dossiês *A estética de uma vida* (Revista Psicologia & Sociedade, Volume: 19, Número: spe2, 2007) e *Desenvolvimento Humano: história, natureza e cultura* (Cadernos CEDES, 35(spe), 2015). Essas produções homenageiam, respectivamente, Sílvia Lane e Angel Pino Sirgado.

resultando em aposentadoria compulsória de diversos professores de esquerda das universidades públicas.

Mesmo em um cenário perigoso, estudava-se algo de Marx em alguns setores de psicologia das universidades federais em meados dos anos 1970, como o setor da Federal da Paraíba, em 1974 e o de Psicologia Social da Universidade Federal de Minas Gerais, após reformas curriculares (VILELA, 2011). Na Universidade de São Paulo, Ecléa Bosi (1936-2017) defendeu seu doutorado em Psicologia em 1971, utilizando-se de marxistas como A. Gramsci, T. W. Adorno e L. Goldmann, o que foi reconhecido como o texto inaugural de uma tradição especificamente brasileira em psicologia crítica. Coube ao editor Ênio Silveira, da editora Civilização Brasileira, a publicação de um bom número de obras marxistas nos anos 1960, a despeito da perseguição e dificuldades financeiras da empresa nos anos 1970 (MAUÉS, 2014).

Nessa década em que alguns psicólogos passam a ler obras marxistas, a obra de Liev Semionovich Vigotski (1896-1934) começa a se fazer presente. Embora o pioneirismo dos estudos vigotskianos não esteja claro em Freitas (1994)⁶, parece ter cabido a Agnela da Silva Giusta (?-2013), então estudante de mestrado, trazer exemplares de obras de Vigotski da Itália em 1975, entre as quais *O desenvolvimento psicológico da criança*.

Giusta teria efetuado a primeira tradução artesanal de um dos capítulos deste livro, utilizada a partir de 1977 na área de Psicologia da Aprendizagem do Instituto Superior de Estudos Avançados em Educação da Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, RJ. A estudante se interessou por Vigotski a partir do comentário de J. Piaget acerca da psicologia soviética em livro de 1974, *Sabedoria e ilusões da filosofia*. Outras entrevistadas por Freitas (1994) também relatam ter lido e/ou adquirido, no Brasil, edições importadas de L. S. Vigotski em 1977, data próxima também, da emergência das primeiras leituras de M. Bakhtin no campo da Linguística. Conforme descreve Freitas, os autores chegaram silenciosamente no Brasil e “foram se alojando, após encontros fortuitos, nas casas de professores de Psicologia, de Letras e de Educação” (1994, p. 38), em um cenário autoritário marcado pelo tecnicismo e

⁶ A obra de Freitas baseia-se em entrevistas não identificadas, apesar de trazer uma lista com o nome das entrevistadas ao final, tornando possível deduzir quem elas são.

behaviorismo nos documentos oficiais das políticas públicas educacionais como fruto do acordo MEC-USAID⁷.

No que se refere à psicologia soviética, a década de 1980 marcou-se pelo protagonismo de duas instituições paulistas: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), respectivamente na Psicologia Social e Educação, duas instituições vitais para a sobrevivência da esquerda nos anos de chumbo.

Marcos institucionais considerados importantes por vários comentadores para a emergência de uma psicologia social crítica foram o Congresso da Sociedade Interamericana de Psicologia em Miami, em 1976, seguido pelo I Encontro de Psicologia Social na PUC-SP, em 1979, o qual contou com 100 participantes (MOLON, 2001). O contexto era o da chamada “crise da psicologia social experimental” dos anos 1970, pautado pela crítica dos pesquisadores latino-americanos à psicologia ocidental (ou seja, europeia e norte-americana) de base positivista. Contra essa proposta, o grupo formado em torno de Silvia Lane (1933-2006) na PUC-SP – a chamada “Escola de São Paulo de Psicologia Social” – lê Marx, Engels, Gramsci, Heller, Sartre, Ianni, R. Fausto (CARVALHO, 2014), além de Vigotski, Luria, Leontiev, Politzer, Sève, Martín-Baró, Fals-Borda, Freire, Montero, Merani, entre outros.

A fundação da Associação Brasileira de Psicologia Social ocorreu em 1980 (tendo Lane como a primeira presidente). Em 1982, Lane e outra professora de psicologia social, Maria do Carmo Guedes, viajaram pela América Latina buscando conhecer experiências de psicologia comunitária. Dessa viagem nasceram relações com psicólogos da Venezuela, Colômbia, México, Equador, Peru e Cuba (CARVALHO, 2014). Segundo Lane, a saída da crise na psicologia pela via do marxismo nos países citados desenvolvia-se em um cenário marcado pelos seguintes fatores:

- a) a dominação cultural pela produção intelectual estadunidense; b) a disposição crítica de pesquisadores e profissionais destes países em buscar novos métodos e fundamentos de pesquisa, sendo então a pesquisa-ação a alternativa metodológica privilegiada; c) e, em que pese muitas semelhanças referentes aos problemas histórico-sociais encontrados e também às propostas formuladas em resposta a tais problemas, os professores e

⁷ Ministério da Educação e Cultura (MEC) e a United States Agency for International Development (USAID), em Carvalho (2014).

estudantes expressaram a necessidade de se promover melhor o intercâmbio entre tais experiências (CARVALHO, 2014, p.101).

Em linhas gerais, é nítido que a abertura política da ditadura civil-militar, nos anos 1980, foram decisivos para a formação e difusão de uma psicologia marxista no Brasil. Uma outra determinação importante foi a aproximação dos psicólogos com relação às políticas públicas, uma vez que a regulamentação profissional ocorrida em 1962 priorizou o atendimento clínico em espaços privados, em detrimento das práticas em instituições (ANTUNES, 1999).

A coletânea mais celebrada da Escola de São Paulo (LANE; CODO, 1984) faz referência a Vigotski e Leontiev justamente no capítulo sobre o projeto das categorias fundamentais do psiquismo, sendo eles os únicos autores *en passant* mencionados na psicologia soviética. Nas teses e dissertações orientadas por Lane, Leontiev, Vigotski e Luria emergem na década de 1980, porém são citados com maior constância na década de 1990 – já com Leontiev, se dá o inverso: é mais citado na década de 1980 (SOUSA, 2008). González-Rey reconhece a importância do tratamento dado por Lane ao trabalho como forma de atividade humana e observa que a autora

começa seu contato com a psicologia soviética com um domínio mais profundo de Leontiev do que de Vygotsky, termina sua obra numa grande proximidade com os temas e desafios que se derivam do posicionamento teórico de Vygotsky em seus últimos trabalhos e que, hoje, nos trazem mais desafios do que certezas (GONZÁLEZ-REY, 2007, p. 60).

Autor prestigiado internacionalmente, com doutorado no Instituto de Psicologia General e Pedagógica de Moscou, Rússia, o cubano Fernando González-Rey (1949-2019) tinha sólidos conhecimentos no campo da psicologia marxista soviética e exerceu importante papel mediador entre tal psicologia e a Escola de São Paulo. Além de cooperar com a Escola desde os anos 1980, quando ainda residia em Cuba, tornou-se professor visitante na Unicamp em 1997, depois em instituições da região Centro-Oeste e Sul, como Goiânia (GO), Passo Fundo (RS) e Brasília (DF), tendo fixado residência nesta última cidade. Devemos a González-Rey a difusão do legado de importantes soviéticos, como S. L. Rubinstein e – principalmente – L. Bozhovich, até então uma pessoa completamente desconhecida no Brasil. Sua leitura historicamente informada sobre a psicologia soviética persistiu mesmo depois de o autor migrar do marxismo à teoria da complexidade, trânsito apontado por Santos

(2020). Sua ampla capacidade de colaboração repercutiu na formação de vários grupos ligados à sua “teoria da subjetividade”.

Embora muito menos historiografados do que a Escola de São Paulo, outros centros de produção de conhecimento/autores de referência já ganhavam espaço: consolidando uma produção realizada desde a década de 1980 no Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), em 1995. Essa produção foi criada tendo como base de pesquisa “O Marxismo e a Educação”, concebida e liderada pelo professor Oswaldo Yamamoto (VILELA, 2011). A produção deste grupo, forte e centrada na relação entre psicologia social e políticas públicas focadas em populações vulneráveis e movimentos sociais, continua centrada no marxismo até nossos dias.

PSICOLOGIA, MARXISMO E EDUCAÇÃO (1970-1990)

Embora venha sendo forte a presença do marxismo na psicologia social, o “gigantismo” relativo da área da educação – bem como a maior força da esquerda nesse campo – tornou-se fértil para a disseminação da psicologia marxista; em particular, a soviética. Conforme Freitas (1994), junto de Vigotski vieram Rubinstein, Leontiev e Luria, ao que parece, estudados inicialmente na Unicamp⁸. Porém, foi Vigotski quem, de fato, atraiu um interesse mais geral dos pesquisadores.

Freitas (1994) destaca o pioneirismo de Cláudia Lemos nos estudos de Vigotski e Bakhtin, no IEL-Unicamp. Freitas observa que o grupo da brasileira também foi meio de difusão dos autores em outras universidades de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro. Estudos dos autores soviéticos também tiveram início na Neurologia da Universidade de São Paulo com o grupo de L. Menna-Barreto que, junto de professores da Faculdade de Educação da mesma Universidade, encabeçaram a organização da coletânea *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem* (LEONTIEV; LURIA; VIGOTSKII, 1988). Freitas relata, ainda, o trânsito do interesse de vários pesquisadores para os psicólogos soviéticos sem que houvesse, necessariamente, ativismo político ou preferência pelo marxismo⁹.

⁸Ao apresentar tal processo, Freitas considera Rubinstein como mais próximo do “materialismo mecanicista” de Leontiev e Luria, que de Vigotski. A autora observa que o primeiro foi estudado em um grupo da Unicamp nos anos 1980; desconhecemos, entretanto, qualquer indício de que Rubinstein tenha se popularizado no Brasil.

⁹ Em linhas gerais, estudos lurianos persistem na neurologia e áreas conexas até os nossos dias.

Ana Luiza Bustamante Smolka e Marta Kohl de Oliveira (que, respectivamente, tornaram-se docentes da Unicamp e USP) travaram contato com Vigotski, como autor imerso no contexto dos construtivismos e cognitivismos, ainda nos EUA da década de 1970. Elas retornaram aos EUA no final da década de 1980, quando já se popularizavam os trabalhos de Wertsch, Bruner e Cole. Para a difusão de Vygotsky, exerceu papel fundamental a edição dos livros *Mind in society* (VYGOTSKY, 1984) e *Thought and language* (VYGOTSKY, 1987) no Brasil, em traduções indiretas do inglês.

Vigotski torna-se um autor em voga no início dos anos 1990s, saindo dos estudos acadêmicos para a inserção em políticas educacionais: cursos de capacitação de professores em serviço, referenciais curriculares, projetos em nível municipal, estadual e mesmo federal. Sustenta Freitas (1994) que a disseminação de Vigotski e Bakhtin na educação se deu em consequência da redemocratização e do clima político favorável à reflexão sobre os contextos sociais, políticos e econômicos brasileiros. Crescia a percepção de que Piaget ou Skinner não ofereciam um aporte teórico-metodológico adequado, perdendo-se ambos respectivos aportes teóricos (epistemologia genética e behaviorismo radical) em uma crise da psicologia similar ao dualismo entre objetivismo e subjetivismo retratado por Vigotski em seu tempo.

Segundo um dos depoimentos concedidos a Freitas (1994), o trabalho de alfabetização com crianças pobres baseado em Piaget ou na autora argentina Emilia Ferreiro (1937-) não surtia os efeitos desejados; os professores mais politizados recorriam aos estudos da Antropologia, do discurso e da cultura – caso, por exemplo, do clássico estudo de Smolka (1987) com classes de alfabetização, fortemente baseado em Luria e na ideia de alfabetização como processo discursivo.

No processo de redemocratização brasileira, em curso a partir da metade dos anos 1980, após vinte e um anos de ditadura militar viu-se, especialmente no campo das políticas educacionais, a busca por referências teóricas de esquerda que pudessem dar resposta aos graves problemas educacionais brasileiros: o acesso à educação formal ainda não tinha sido universalizado, a porcentagem de evasão e reprovação escolares era altíssima e a quantidade de analfabetos funcionais também se destacava (FERRARO; ROSS, 2017). Nesta perspectiva, foram eleitos para gestões estaduais e municipais, a partir de 1985, governos de esquerda ou centro-esquerda em diferentes regiões do país, embora sempre tenha havido, desde então, grandes dificuldades para sua manutenção e crescimento.

Em processos de reformulação das propostas curriculares e projetos educacionais de estados e municípios, Vigotski surge como autor de referência e os conceitos de zona de desenvolvimento próximo (ou proximal) e de funções psicológicas superiores começam a aparecer em documentos educacionais.

Destacam-se, no âmbito deste texto, as propostas curriculares dos Estados de Santa Catarina e Paraná, na região Sul. Em Santa Catarina, 1984, há uma primeira grande greve de professores da rede pública de ensino após a ditadura militar, e inicia-se o processo de ampliação da participação popular nas discussões sobre a educação do estado. Ao final desta década, inicia-se a elaboração de uma Proposta Curricular, promulgada em 1991, que vai buscar em Gramsci e em Vigotski seus fundamentos políticos e teóricos. Naquele momento Vigotski aparece como sendo “sociointeracionista” (HENTZ; HERTER, 2001) mas seus fundamentos marxistas já constam na proposta curricular:

Esse marco filosófico está expressamente registrado no documento de 1991, no qual seus autores adotam a concepção do materialismo histórico e dialético como referencial para todo trabalho, inclusive para os que se seguiram nos anos posteriores. Do ponto de vista pedagógico, a opção teórica assumida na proposta foi a abordagem histórico-cultural. A opção por essa perspectiva filosófica e pedagógica está registrada também nos documentos publicados em 1998 e 2005 (THIESEN, 2007, p.43).

Vale destacar que a elaboração da proposta contou com a colaboração de docentes da UFSC, que também iniciavam seus estudos sobre a escola soviética¹⁰.

No Paraná, processo semelhante ocorreu, mas ao invés da fundamentação em uma teoria da psicologia, a secretaria estadual de educação buscou na obra de Demerval Saviani (1943-), importante filósofo da educação marxista, os aportes para a elaboração de sua proposta curricular, o *Currículo Básico para a Escola Pública do Estado do Paraná*¹¹. Saviani, junto com seu grupo de pesquisa, elaborou, a partir dos anos 1980, as bases da pedagogia histórico-crítica, teoria pedagógica de fundamentação epistemológica marxista (SAVIANI, 1995).

No plano nacional, Vigotski, Luria e Leontiev aparecem como referência, junto com Piaget e Ausubel, nos *Parâmetros Curriculares Nacionais* (PCNs), promulgados em 1998. Os PCNs são um conjunto de textos que contêm as diretrizes curriculares

¹⁰ Para saber mais sobre a Proposta Curricular de Santa Catarina, ver Coan e Almeida (2015) e Hentz e Herter (2001).

¹¹ Ver Noda e Galuch (2018) para detalhes sobre as políticas educacionais do Paraná.

nacionais, elaboradas pelo Governo Federal na primeira gestão de Fernando Henrique Cardoso (1994-1998). Ressalta-se que os autores soviéticos são mencionados em um parágrafo no documento, apenas quando é apresentada a concepção de aprendizagem dos PCNs, articulada com a concepção construtivista, como vemos no trecho do próprio documento:

Em linhas gerais, o marco de referência está delimitado pelo que se pode denominar “enfoques cognitivos”, no sentido amplo. Entre eles destacam-se a teoria genética, de Jean Piaget e seus colaboradores da escola de Genebra, tanto no que diz respeito à concepção dos processos de mudança como às formulações estruturais clássicas do desenvolvimento operatório e as elaborações recentes sobre as estratégias cognitivas e os procedimentos de resolução de problemas; a teoria da atividade, nas formulações de Vygotsky, Luria e Leontiev e colaboradores, em particular no que se refere à maneira de entender as relações entre aprendizagem e desenvolvimento e a importância conferida aos processos de relação interpessoal; o prolongamento das teses no campo da psicologia cultural, como as enunciadas nos trabalhos de M. Cole e colaboradores, que integra os conceitos de desenvolvimento, aprendizagem, cultura e educação; e a teoria da aprendizagem verbal significativa, de Ausubel, e seu desdobramento em outras teorias. O núcleo central da integração de todas estas contribuições refere-se ao reconhecimento da importância da atividade mental construtiva nos processos de aquisição de conhecimento. Daí o termo construtivismo, denominando esta convergência (BRASIL, 1998, p. 71).

As obras de Vigotski que constam nas referências dos Parâmetros são *Mind in society* e a versão resumida de *Thought and language*, respectivamente, editadas em 1984 e 1987.

Voltando ao âmbito acadêmico da pedagogia, tivemos A. L. B. Smolka, em associação com outros colegas da Faculdade de Educação da UNICAMP e com o filósofo e psicólogo espanhol Angel Pino Sirgado (1933-2013), a constituição do Grupo de Pesquisa Pensamento e Linguagem (GPPL) em 1987, que foi oficializado no Diretório de Grupos do CNPq em 1992. Formado na Universidade Católica de Louvain e contratado pela Unicamp desde 1977, era a segunda vez que Pino Sirgado residiria no Brasil: enquanto ainda sacerdote, ele atuou nos anos 1950 junto à Juventude Católica, além de coordenar e organizar algumas das primeiras comunidades eclesiais de base, organizações que tiveram como base a Teologia da Libertação – um pensamento católico de esquerda.

Pino explorou temas amplos, como a natureza social do desenvolvimento humano; a mediação semiótica; os processos de significação; a afetividade; a criação imaginária. Dedicou atenção especial às condições de vida da infância; aos direitos da criança e do adolescente; à visão promissora de uma educação estética (SMOLKA; GÓES; LAPLANE, 2015, p. 329).

A formação sólida e diversificada de Sirgado – um conhecedor de Marx e Bakhtin – tornou-o uma referência nos estudos vigotskianos, com os quais travou contato na década de 1980. Em 1991, organizou o dossiê “Pensamento e linguagem: estudos na perspectiva da psicologia soviética” para o Cadernos CEDES. O material focava a importância da mediação, o papel do trabalho na constituição do gênero humano, dentre outros temas. O GPPL formou vínculos com a PUC-SP e educou muitos pesquisadores que vieram a atuar no Sul do país, inclusive, na Universidade Federal de Santa Catarina.

Outros dos 24 entrevistados por Freitas, pioneiros dos estudos da psicologia soviética no Brasil, relataram também pesquisar Leontiev, Bakhtin, Wallon e Rubinstein. A influência deste último, no entanto, quase não se fez sentir no comentário educacional brasileiro, sendo escassamente referido até nossos dias.

Sarmiento (2006) nos dá notícia do *boom* inicial de Vigotski no Brasil em pesquisas por meio de teses e dissertações defendidas entre 1986-2001, que o tomaram referência. A autora localizou 366 dissertações e teses que faziam referência ao autor, distribuídas por 46 universidades brasileiras, majoritariamente do Sudeste, Centro-Oeste e Sul. Do conjunto, 299 utilizavam-se de Vigotski de forma complementar e 69 eram, de fato, baseadas em sua obra. Quanto às áreas, 267 trabalhos foram defendidos no âmbito da educação e da psicologia, áreas que concentravam 56 dos textos fundamentados na obra de Vigotski.

Em síntese, Sarmiento concluiu que Programas de Pós-graduação da PUC-SP, Unicamp, USP e UFSC (em ordem decrescente) foram os polos de difusão inicial da abordagem de Vigotski no Brasil, totalizando 47% do total de trabalhos que faziam referência ao autor e 64,3% das 56 dissertações e teses nele baseadas foram defendidas neste período, com ampla liderança da área de educação – cujo número de programas também era bem mais expressivo que os de psicologia. Educação e psicologia compreendem 81,1% dos trabalhos defendidos; cinco periódicos dessas áreas concentram 45% dos artigos publicados¹² sobre o autor soviético.

Quanto ao conteúdo, Sarmiento (2006) observou uma repetição das temáticas investigadas, mormente no que se referia à relação desenvolvimento-aprendizagem e aos processos de interação professor-aluno, ou de alunos entre si. Havia ampla

¹² São eles: Cadernos de Pesquisa da Fundação Carlos Chagas, Educação & Sociedade, Psicologia em Estudo, Psicologia: Teoria e Pesquisa (SARMENTO, 2006)

variação dos sujeitos e os contextos, desde a educação infantil até o ensino médio, sendo que muitos trabalhos não se atinham meramente à relação da psicologia como fundamento da educação, mas buscavam pensar, diretamente, a efetivação de processos e práticas pedagógicas no campo dos estudos da formação do educador, currículo e metodologia de ensino. O quadro 1 sintetiza as temáticas identificadas no *corpus* investigativo:

Quadro 1 - Temáticas identificadas no *corpus* investigativo

Temática 1:	Biografia de Vygotsky
Temática 2:	Contexto do surgimento da teoria
Temática 3:	Denominação da teoria
Temática 4:	Autoria
Temática 5:	Funções psicológicas superiores
Temática 6:	Linguagem – oralidade, escrita e desenho
Temática 7:	A internalização e a constituição do ser humano
Temática 8:	Desenvolvimento humano – concepção e linhas de desenvolvimento
Temática 9:	Níveis e zona de desenvolvimento e o processo de aprendizagem
Temática 10:	Função do brinquedo no desenvolvimento infantil
Temática 11:	A interação social e suas interfaces no contexto educativo
Temática 12:	Implicações da Teoria Histórico-Cultural no contexto escolar

Fonte: Sarmiento (2006, p. 55).

A maior parte das teses e dissertações relata pesquisas de campo, havendo número reduzido de estudos bibliográficos. Sarmiento discorda de Duarte (2000) no que diz respeito aos equívocos de interpretação de Vigotski, deparando-se com mais “consensos” que “dissensos” acerca desta. Segundo a autora, as divergências referiam-se especialmente à nomeação e autoria das contribuições teóricas atribuídas a Vigotski e seus colaboradores, baseadas em obras traduzidas de autores como H. Daniels, G. Blanck, R. van der Veer e J. Valsiner e L. C. Moll. Segundo Sarmiento, de modo geral, os trabalhos faziam referência às bases marxistas de Vigotski. Entretanto, outros autores da educação não se satisfizeram com essas menções. Vigotski cresceu

a ponto de ser disputado na arena acadêmica, notadamente quando se tratava dos seus vínculos com as políticas públicas.

UMA POLÊMICA: QUAL A NATUREZA SOCIAL E AS IMPLICAÇÕES DO MARXISMO DE VIGOTSKI E DE SEUS COLABORADORES?

Historicamente, o marxismo tem-se mostrado muito mais forte na educação que na psicologia. Já algo disperso no território nacional, no início do século XXI, Vigotski tornara-se importante o suficiente para ser objeto de disputa. Assim, quais seriam e qual é o significado, de fato, dos fundamentos marxistas de sua obra? Dados esses fundamentos, quais seriam as possibilidades de desenvolvê-la em nossos dias? Os seus ex-estudantes – conhecidos ou desconhecidos no Brasil – já haviam feito parte desse trabalho após sua morte? O que Vigotski realmente escreveu, considerando-se os evidentes problemas de tradução apresentados nas edições populares no Brasil? Qual relação as leituras realizadas até então tinham com a história da educação brasileira?

Na esteira dessas preocupações, o artigo do pedagogo Newton Duarte (DUARTE, 1996), professor do *campus* de Araraquara da Universidade Estadual Paulista (UNESP), deu início à uma polêmica de grandes proporções, desenvolvida no livro *Vigotski e o "aprender a aprender": crítica às apropriações neoliberais e pós-modernas da teoria vigotskiana* (2000). Duarte baliza sua argumentação em três pontos: a crítica a uma apropriação construtivista ou neoliberal da obra de Vigotski; a defesa de uma base marxista da obra de Vigotski e a crítica do distanciamento entre Vigotski e Leontiev/Teoria da Atividade (BOVO; KUNZLER; TOASSA, 2019)¹³.

Vinculando-se intelectualmente ao pensamento de Saviani, a obra de Duarte desenvolve uma crítica às apropriações neoliberais e “escolanovistas” de Vigotski na educação brasileira. Suas reflexões fundamentam-se na percepção de que a difusão do ideário da Escola Nova, de John Dewey (1859-1952) e outros autores, teria contribuído para deformar a percepção do caráter marxista da obra vigotskiana, inserindo-a no contexto neoliberal das propostas voltadas a ensinar a população a “aprender a aprender”, eximindo o Estado de promover uma educação pública de

¹³ Antes dos referidos trabalhos, a tese de doutorado de Duarte (1993) focara nos fundamentos de uma teoria marxista da individualidade, balizada em Marx, Engels, Agnes Heller e em A. N. Leontiev, mostrando alinhamento com relação às contribuições deste último autor.

qualidade, como é marcante na história do Brasil. Basta dizer que nosso sistema nacional de educação primária foi efetivado apenas na década de 1950 e que a educação pública de crianças e adolescentes apresenta, até os nossos dias, uma marcante precarização.

Duarte (2000) ressalta como a difusão das ideias de Piaget na educação brasileira acabaram sendo muito utilizadas de modo a justificar a desvalorização do trabalho docente – uma vez que o suíço atribui centralidade ao processo psicológico de equilíbrio, o qual perpassa a relação entre sujeito e objeto no decorrer do processo de desenvolvimento. Como outros autores já tinham notado, com isso, o papel do educador – historicamente desvalorizado no Brasil – fica em segundo plano. Ademais, para Duarte, Piaget teria um caráter biologicista, oposto à orientação teórica marxista de Vigotski. Esses aspectos tornavam bastante estranhas as associações entre os autores, as quais se mostraram comuns, como também apontado por Sarmiento (2006) e constatado em documentos educacionais importantes, como os Parâmetros Curriculares Nacionais citados anteriormente.

Duarte (2000) faz uma clara diferenciação entre Vigotski e autores denominados interacionistas ou construtivistas, como Piaget, apresentando como argumento a própria crítica de Vigotski ao último e o caráter biologicista da perspectiva piagetiana em oposição à historicidade do psiquismo na obra de Vigotski e seus seguidores. Sua argumentação culmina na afirmação dos preceitos marxistas que embasam a concepção de Vigotski e sua escola, adulterados pelos editores dos Estados Unidos de modo a “depurar-se” de seus preceitos marxistas. Diversas edições foram prejudicadas no que concerne ao marxismo das ideias vigotskianas, que Duarte julga ter sido continuada por Leontiev e outros participantes da chamada “Escola de Vigotski”, e cuja continuidade não se faria tão evidente justamente pela mutilação da obra de Vigotski.

Conforme pesquisa de Bovo, Kunzler e Toassa (2019), o autor critica associações do marxismo a psicologias estranhas a tal perspectiva (DUARTE, 1996, 1998, 2000, 2001, 2002, 2004). Duarte também critica a tentativa de alguns estudiosos, como Van Der Veer, de separar a Teoria da Atividade da Psicologia Histórico-Cultural (DUARTE, 2000), endossando, no plano internacional, a perspectiva de autores de uma psicologia marxista como M. Elhammouni e M. Golder. Isso, contribuiria, também, com o processo de internacionalização de uma reflexão marxista sobre a natureza concreta do sujeito em relação a uma cultura pautada no

capitalismo flexível, em que a educação escolar tende a ficar progressivamente em segundo plano como processo indispensável à formação cultural de cidadãos críticos. No contexto nacional, Duarte fez críticas a diversos autores mencionados no presente capítulo, como Kohl de Oliveira, Smolka e Freitas, além de outros.

A despeito dessas importantes reflexões, Duarte (2000) acaba endossando a perspectiva hagiográfica da Escola de Vigotski, a qual sustenta que o autor compôs um trio com Leontiev e Luria para desenvolver a psicologia histórico-cultural. Entretanto, a “revolução revisionista” na história da psicologia, encabeçada por Anton Yasnitsky (com o auxílio de colaboradores de diversos países), vêm mostrando a fragilidade dessa tese historiográfica, embasada muito mais na tradição oral do que documental.

Embora as edições americanas de Vigotski possam, efetivamente, ter retirado menções do autor aos clássicos do marxismo, faz-se necessário compreender o silenciamento de sua obra na própria União Soviética, bem como o papel secundário desempenhado por Leontiev na estruturação da psicologia vigotskiana, segundo Yasnitsky (2020). Nos últimos anos, porém, outros comentadores apresentam, com mais fundamentação histórica, dissonâncias conceituais entre Vigotski e Leontiev (MARTINS, 2013; TOASSA, 2016), além da leitura de Vigotski como autor de um materialismo marxista próprio, o qual não pode ser reduzido às leituras do “marxismo-leninismo” que pautaram a obra de Leontiev a partir de meados dos anos 1930 (TOASSA, 2015)¹⁴.

Cabe, entretanto, assinalar que a obra de Duarte tem tido forte presença na pós-graduação, e, particularmente, na formação de docentes da área de educação de universidades públicas de São Paulo e Paraná, muitos dos quais alinham-se à sua perspectiva. Em decorrência do trabalho do autor, criou-se mais recentemente uma ambiência favorável à utilização das contribuições de pedagogos e psicólogos soviéticos para além de Vigotski, com destaque para outros grupos não diretamente relacionados a Duarte, como o de Libâneo (PUC-Goiás), de Manoel Oriosvaldo de Moura (da Faculdade de Educação-USP), de Andréa Longarezi e Roberto Puentes (Universidade Federal de Uberlândia), de Isauro Beltrán Núñez (Universidade Federal do Rio Grande do Norte) e outros. Esses grupos têm se dedicado fortemente aos

¹⁴ Avalia-se que outros estudos aprofundados sobre as aproximações e distanciamentos epistemológicos entre Vigotski e Leontiev ainda precisam ser feitos.

estudos das contribuições de outros autores soviéticos, como Leontiev, Davidov, Elkonin e Galperin, tendo como foco investigações no campo da didática e da atividade pedagógica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história da recepção, difusão e produção da psicologia marxista, e de suas variantes soviéticas no Brasil, foi, a tomar pelas considerações de García (2016), tardia com relação, por exemplo, à Argentina, onde ganhara impulso a partir dos anos 1950 e 1960. Entre as determinações locais para o desenvolvimento tardio dessas relações entre marxismo e psicologia, devemos destacar o início da ditadura civil-militar em 1964 (precoce com relação às demais nações latino-americanas). Houve, ainda, a intensificação da violência de Estado no final da mesma década, piorando significativamente as condições para o desenvolvimento de um pensamento de esquerda. Contudo, razões culturais específicas ao campo da psicologia devem ter desempenhado relevante papel pois, conforme apontamos, a profissão de psicólogo foi reconhecida apenas em 1962, tendo por foco a atuação clínica em espaços privados, à moda liberal. Essa característica, somada à escassez de cursos de formação em psicologia, além de sua concentração no Sudeste, podem justificar o relativo atraso nacional e internacional do desenvolvimento das relações entre psicologia e marxismo no Brasil.

Um aspecto relevante, como exposto no início deste capítulo, é de que, na década de legalização da profissão (anos 1960), já existiam sólidos estudos marxistas em outras ciências humanas, tendo por foco as especificidades do desenvolvimento social, econômico e político brasileiro. Foi também nessa década que Paulo Freire despontou como expoente da pedagogia marxista, seguido por vários outros autores e movimentos sociais. Ainda com um pequeno número de programas de pós-graduação nos anos 1970, a psicologia brasileira interessada em dialogar com o marxismo importou referências soviéticas próprias da área, além de trabalhar com os próprios Marx e Engels, a Escola de Frankfurt e Escola de Budapeste – e, em escala que não pudemos avaliar neste texto pela escassez de referências históricas, também com textos de autores marxistas como H. Wallon e L. Sève. Iniciou-se, também, um ciclo de cooperação com outros países da América Latina, visando a constituir novas práxis aptas a compreender as especificidades dessa terra e sua gente.

Alguns professores brasileiros que tomaram contato com obras de psicólogos soviéticos e as divulgaram no Brasil (FREITAS, 1994) fizeram-no de forma inicialmente artesanal, trabalhando em grupos de estudo que tardaram a trabalhar com traduções em língua portuguesa efetivadas apenas a partir dos anos 1980, as quais ganharam impulso no final dos anos 1990/início dos 2000. Não obstante, até hoje utilizam-se muito as *Collected Works* em espanhol, pois os textos ali presentes não foram traduzidos – ou, muitas vezes, não com qualidade – ao português. Observamos que houve, pois, três portas de entrada para a psicologia soviética no Brasil: a) por meio de outros países latino-americanos (com destaque para Cuba); b) dos Estados Unidos e c) da Europa, com o trabalho de espanhóis no Brasil (nas universidades ou em assessoria à legislação educacional). Por essa razão, até nossos dias é bastante forte a leitura de Vigotski como um autor “sociointeracionista” ou “socioconstrutivista”, sem que haja maiores preocupações em assinalar suas raízes marxistas ou desenvolver uma psicologia crítica. Note-se que a lista de temas exposta por Sarmiento (2006) permanece atual. Além disso, circulam, até nossos dias, as mesmas traduções de baixa qualidade dos anos 1980.

Aspecto muito curioso da presença de Vigotski em nosso país, contudo, foi que Vigotski tardou a chegar, mas foi adquirindo tal importância que não cremos ser equivocado considerar que o Brasil tornou-se um dos mais “vigotskianos” países do mundo. Conforme também mostra Sarmiento (2006), centenas de teses e dissertações já faziam referência ao autor entre 1986-2001. Mas, para o tardio “boom” de Vygotsky, foi decisiva a incorporação de referências ao autor em pelo menos um dos documentos da legislação educacional nacional, além de sua presença em certos documentos dos estados da federação.

Desse modo, a legislação nacional exerceu um “efeito-cascata” em documentos estaduais e municipais e em nos cursos de formação de professores. Vigotski passou, gradualmente, a ser estudado nos mais diversos campos da educação, inserindo-se no currículo universitário de formação de professores. Paralelamente, passa a ocupar espaço não só na psicologia social, mas também na escolar. Multiplicam-se as publicações e mesmo os jornais especializados nas contribuições da teoria histórico-cultural e da teoria da atividade.

O novo cenário intelectual e político em que se dispôs a obra do autor produziu um importante embate acerca da denominação de sua teoria e das raízes teórico-filosóficas dela, dois aspectos que, já de longa data, despertavam dúvidas no contexto

nacional. Ainda que a incorporação dos psicólogos soviéticos já se desenvolvesse no interior de grupos de esquerda, a obra de Duarte (2001) marcou um novo espaço identitário, aquele dos interessados em realizar uma leitura marxista da obra de Vigotski e associados – espaço relativamente diversificado que comporta, por sua vez, uma gama de relações com outros teóricos do marxismo. Nessa ambiência, diversos outros autores soviéticos passaram a ocupar espaço no cenário educacional, o que se expressou pela realização de eventos, criação de novos grupos de pesquisa e a realização de novas traduções de textos de Vigotski e de seu Círculo (LONGAREZI; PUENTES, 2017a; LONGAREZI; PUENTES, 2017b; PUENTES; LONGAREZI, 2017). Multiplicaram-se os temas estudados, os grupos e os estudos teórico-históricos que procuram apresentar-se no cenário internacional (ASBAHR; OLIVEIRA, 2021).

Compreender as especificidades do contexto brasileiro e latinoamericano – e, porque não dizer, do restante dos países economicamente dependentes do Sul Global – contribuindo para resolver os inúmeros problemas sociais existentes no afã de dialogar de forma mais efetiva com os autores locais, anuncia-se como um dos caminhos para o progresso educacional e social deste grande pedaço do mundo. Os psicólogos marxistas em geral, e Vigotski em particular, apresentam-se como fundamentos para interpretar o complexo universo latino-americano que, como afirmava Bomfim (2008), ora imita sem restrições o europeu e o norteamericano, ora busca caminhos próprios, mais afinados à mestiçagem cultural, contando com a inestimável participação da teoria marxista na crítica acadêmica e política.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, M. A. M. **A psicologia no Brasil: leitura histórica sobre sua constituição**. São Paulo: EDUC, 1999.

ASBAHR, F. da S. F.; OLIVEIRA, M. L. S. de A. M. . Inventário dos grupos brasileiros de pesquisa na teoria histórico-cultural a partir do Diretório de Grupos do CNPq. **Obutchénie**. Revista de Didática e Psicologia Pedagógica, [S. l.], v. 5, n. 2, p. 566–587, 2021. DOI: 10.14393/OBv5n2.a2021-61477.

BOMFIM, M. A **América Latina: males de origem**. São Paulo: Centro Edelstein, 2008.

BOVO, A. C.; KUNZLER, A. P.; TOASSA, G. Da “Escola” ao “Círculo” de Vigotski: uma perspectiva historiográfica crítica. **Memorandum**, p. 1–23, 2019. Disponível em <https://periodicos.ufmg.br/index.php/memorandum/article/view/6842/10743>. Acesso em: 7 mar. 2023.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/introducao.pdf>

CARVALHO, B. P. **A Escola de São Paulo de Psicologia Social**: uma análise histórica do seu desenvolvimento desde o materialismo histórico-dialético. Tese (Doutoramento em Psicologia Social). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014.

COAN, I. B. F., ALMEIDA, M. de L. P. de. Histórico da proposta curricular de Santa Catarina. **Holos**, v. 6, p. 251-276, dez. 2015. DOI:10.15628/holos.2015.1738 p.

DUARTE, N. A escola de Vigotski e a educação escolar: algumas hipóteses para uma leitura pedagógica da psicologia histórico-cultural. **Psicologia USP**, v. 7, n. 1–2, p. 17–50, 1996. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1678-51771996000100002>.

DUARTE, N. Concepções afirmativas e negativas sobre o ato de ensinar. **Cadernos Cedes** vol. 44, n.19, pp. 85-106. 1998. [dx.doi.org/10.1590/S0101-32621998000100008](https://doi.org/10.1590/S0101-32621998000100008)

DUARTE, N. **Vigotski e o “aprender a aprender”**: crítica às apropriações neoliberais e pós-modernas da teoria vigotskiana. Campinas, SP: Autores Associados, 2000.

DUARTE, N. Educação escolar, teoria do cotidiano e a escola de Vigotski. Em: **Educação escolar, teoria do cotidiano e a escola de Vigotski**. 3. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.

DUARTE, N. A teoria da atividade como uma abordagem para a pesquisa em educação. **Perspectiva**. vol. 21, n.2, pp. 279-301. 2002. Recuperado em 13 de fevereiro, 2018, de periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/9646/8881

DUARTE, N. Formação do indivíduo, consciência e alienação: o ser humano na psicologia de AN Leontiev. **Cadernos Cedes**. vol. 24. n.62, pp.44-63. 2004. DOI: [dx.doi.org/10.1590/S0101-32622004000100004](https://doi.org/10.1590/S0101-32622004000100004)

FERRARO, A. R.; ROSS, S. D. Diagnóstico da escolarização no Brasil na perspectiva da exclusão escolar. **Revista Brasileira de Educação**. vol.22, n.71. pp. 1-26. 2017, DOI: 10.1590/S1413-24782017227164

FREITAS, M. T. A. **O pensamento de Vygotsky e Bakhtin no Brasil**. Campinas, SP: Papyrus, 1994.

GARCÍA, L. N. Versiones tempranas de Vygotski: su recepción em la Argentina (1935-1974). Em: YASNITSKI, A.; van der VEER, R.; AGUILAR, E.; GARCÍA, L. N. (org.). **Vygotski revisitado**: una historia crítica de su contexto y legado. Buenos Aires: Miño y Dávila, 2016. p. 305-336.

GONZÁLEZ-REY, F. L. G. Encontro da psicologia social brasileira com a psicologia soviética. **Psicologia & Sociedade**, v. 19, p. 57–61, 2007. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822007000500019>

HENTZ, P.; HERTER, M. L. Propuesta curricular de Santa Catarina y psicología histórico-cultural. In.: GOLDBERGER, M. **Vygotsky, psicólogo radical**. Buenos Aires: Ateneo Vigotskiano de la Argentina, 2001.

LANE, S. T. M.; CODO, W. (org.) **Psicologia Social: o homem em movimento**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

LEONTIEV, A. N.; LURIA, A. R.; VIGOTSKII, L. S. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone, 1988.

LONGAREZI, A. M.; PUENTES, R. V. (org.). **Ensino Desenvolvidor: vida, pensamento e obra dos principais representantes russos I**. 3a. ed. Uberlândia: Edufu, 2017a. 380p.

LONGAREZI, A. M.; PUENTES, R.V. (org.). **Ensino Desenvolvidor. Antologia. Livro 1**. 1. ed. Uberlândia: Edufu, 2017b. v. 1. 240p.

MARTINS, J. B. Da relação Vigotski e Leontiev-Alguns apontamentos a respeito da história da psicologia soviética. **Interamerican Journal of Psychology**, vol.47, n.1, pp. 43-51, 2013. Recuperado de <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=28426980006>

MAUÉS, F. Sou brasileiro, democrata e editor. **Observatório da Imprensa**, 18 nov. 2014. Disponível em: <https://www.observatoriodaimprensa.com.br/armazem-literario/ed825_sou_brasileiro_democrata_e_editor/>. Acesso em 11 Mar. 2023.

MOLON, S. I. A Psicologia Social abrapiana: apontamentos históricos. **Interações**, vol.6, n.12. pp. 41-68, 2001.

NODA, M.; GALUCH, M. T. B. Políticas públicas de educação no ensino básico do Estado do Paraná: da dívida social à formação para o mercado (1980-2000). **Revista HISTEDBR On-Line**, vol.18, n.2, pp.545-569, 2018. <https://doi.org/10.20396/rho.v18i2.8652356>

PUENTES, R. V.; LONGAREZI, A. M. (org.). **Ensino desenvolvimental: vida, pensamento e obra dos principais representantes russos, livro II (E-book)**. 1a. ed. Uberlândia: Edufu, 2017. 402p

SANTOS, M. R. dos. Seria a Teoria da Subjetividade uma vertente da Psicologia Histórico-Cultural? **Psicologia em Revista**. v. 26, pp. 269-284, 2020. <https://doi.org/10.5752/P.1678-9563.2020v26n1p261-276>

SARMENTO, D. F. **A teoria histórico-cultural de L. S. Vygotsky**: uma análise da produção acadêmica e científica no período de 1986-2001. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006.

SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica**: primeiras aproximações. Campinas: Autores Associados, 1995.

SMOLKA, A. L. B. **A criança na fase inicial da escrita**: a alfabetização como processo discursivo. 12. ed. São Paulo/Campinas: Cortez/Editora da Unicamp, 1987.

SMOLKA, A. L. B.; GÓES, M. C. R. de; LAPLANE, A. L. F. de. Desenvolvimento Humano: história, natureza e cultura. **Cadernos CEDES**, 35(spe), pp.329-332, 2015. <https://dx.doi.org/10.1590/CC0101-32622015V35ESPECIAL154113>.

SOUSA, E. A. D. **Sílvia Tatiane Maurer Lane**: dissertações e teses orientadas no Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia Social na PUC-SP - uma contribuição aos estudos sobre a psicologia social no Brasil. Tese (Doutorado em Psicologia da Educação). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP, 2008.

THIESEN, J. da S. Vinte Anos de Discussão e Implantação da Proposta Curricular de Santa Catarina na Rede de Ensino: desafios para um currículo de base histórico-cultural. **PerCursos**, v.8, n.2, pp.41-54. 2007. Disponível em <http://revistas.udesc.br/index.php/percursos/article/view/1556>. Acesso em 01 de Setembro, 2019.

TOASSA, G. Is there a “Vygotskian Materialism”? Ontological and epistemological concerns for a contemporary Marxist Psychology (Part I). **Dubna Psychological Journal**, vol.3, pp. 46-57, 2015. Recuperado de: [https://www.academia.edu/download/43467346/GTOASSA -
Is there a Vygotskian materialism - PART II - DUBNA.pdf](https://www.academia.edu/download/43467346/GTOASSA-_Is_there_a_Vygotskian_materialism_-_PART_II_-_DUBNA.pdf)

TOASSA, G. 'Atrás da consciência, está a vida': o afastamento teórico Leontiev-Vigotski na dinâmica dos círculos vigotskianos. **Educação & Sociedade** (Impresso), v. 37, p. 445-462, 2016. <https://doi.org/10.1590/ES0101-73302016144457>

VILELA, A. M. J. (org.) **Dicionário Histórico de Instituições de Psicologia no Brasil**. Rio de Janeiro: Imago; Brasília, DF: Conselho Federal de Psicologia, 2011.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

YASNITSKY, A. Aleksei N Leontiev's research on memory and its meaning as the soviet avant-garde science of the future. **Cadernos CEDES**, v. 40, n. 111, p. 123–134, 2020. https://doi.org/10.1590/CC224304_IN